

Não é verdadeira a reciproca da precedente regra. Diz-se com artigo *aos olhos de alguém, aos pés de alguém, ao lado de*, e, entretanto, sem artigo *a meus olhos, a seu lado, a seus pés*.

Fixaram-se na linguagem sem a palavra *o* ou *a* as expressões *Nosso Senhor, Nossa Senhora*, e bem assim os tratamentos *vossa mercê, vossa senhoria, sua senhoria, sua excellencia, sua majestade*, etc.

> O pronome *seu*, com as variações *sua, seus, suas* é applicavel a pessoas differentes. Nas frases em que o seu emprego possa dar lugar à confusão, substitue-se pelas expressões *delle, della, delles, dellas, de você, do Senhor, da Senhora, dos Senhores, das Senhoras*, etc. Às vezes mantém-se pleonasticamente a par destas expressões o pronome *seu, sua*: *a sua casa delle* por *a casa delle*, etc.

Tratando-se de um nome que na oração sirva de complemento directo, compensa-se frequentemente com a introduccção dos pronomes *me, te, lhe, nos, vos, lhes* o possessivo adjunto que fica eliminado:

Cobria-*lhe* a cabeça um chapéu de abas largas [em vez de: *cobria a sua* cabeça].

Enfeita-*nos* a casa [em vez de: enfeita *a nossa* casa].

A pratica desta regra é propria do estilo elegante, sendo porém de notar que nem sempre é possível a substituição. Diz-se *recebi a sua carta* e não *recebi-lhe a carta*.

## Pronomes demonstrativos

O demonstrativo *este, isto* applica-se geralmente às cousas que dizem respeito á 1.<sup>a</sup> pessoa: *esse, isso* refere-se ao que tem relação mais intima com a 2.<sup>a</sup> pessoa:

Sinto forte dor *nesta* mão.

*Essa* [tua] perna está ferida.

Remetterei a encommenda para *essa* cidade [em que resides].

*Nesta* casa [em que nos achamos] parece que todos mandam.

*Este* serve para mostrar que as cousas se acham proximas de nós; para exprimir que se acham um tanto afas-

tadas, serve-nos o pronome *esse*, ainda quando não tenham relação alguma com a pessoa a quem falamos:

Não posso escrever com *esta* penna.

Quando olho para *este* retrato, vêm-me as lagrimas aos olhos.

Gastar palavras em contar extremos de golpes feros, cruas estocadas, é *desses* gastadores que sabemos (Camões).

*Esses*, que andam espalhando taes noticias, são mentirosos.

Fulgurava uma luz de alegria como *esses* astros que brilham a espaços nos abismos do firmamento (Herculano).

Distinguimos *isto* (que *eu* penso ou faço) de *isso* (que *tu* pensas ou fazes):

Digo-te *isto* para teu bem.

*Isso* que propões não parece aceitavel.

Eu podia ser deputado; tenho pensado maduramente *nisto*.

Não te mostres acrimonioso; *isso* não é de pessoa bem educada.

*Este, isto* serve á pessoa que fala, quer para chamar a atenção para aquillo que vai nomear ou expôr, quer para relembrar o que acabou de expôr ou referir pouco antes. Ao demonstrativo assim empregado dá-se o nome de demonstrativo *anaphorico*:

Ha ali perto uma gruta. *Esta* gruta offerece uma serie de curiosidades.

Entrava com toda *esta* companhia o Mir-almumini em Portugal (Camões).

As difficuldades que encontro são *estas* [que vou discriminar] *Isto* dizendo [equivale a: dizendo as palavras que *eu* acabo de repetir], os barcos vão remando para a frota (Camões).

*Estas* e outras razões [isto é, as razões que eu acabo de referir e outras] me impedem de servir-o.

*Este* brado foi repetido por Oppas (Herculano).

Nas referencias a duas pessoas ou cousas differentes, mencionadas antes, emprega-se o demonstrativo *aquelle* para o que se nomeou em primeiro lugar, e *este* para o que se mencionou por ultimo.

Alludindo ao que acaba de referir o individuo ou in-

dividuos com quem falamos, servimo-nos do pronome anaphorico de 2.<sup>a</sup> pessoa *esse, isso*:

*Essas* e outras razões [isto é, as razões que tu acabas de expor e outras] não serão aceitas.

*Essa* terra [de que falas] é inhabitavel.

Escreveste-me que não virias. *Isso* já eu sabia.

Applicado o demonstrativo á noção de tempo, serve-nos *este* para as determinações de periodo mais ou menos longo que abrange o momento em que se fala:

*Esta semana* tem chovido muito.

A encommenda deve chegar *este mez*.

*Este anno* não iremos veraneiar.

Em linguagem familiar usa-se frequentemente *isto* em lugar de *agora*:

*Isto* são duas horas.

*Isto* é noite fechada.

*Este* denota um periodo, passado ou futuro, muito proximo do momento actual, em algumas poucas locuções: *esta noite* (a noite passada ou a noite vindoura), *esta manhã* (a manhã de hoje), *estes dias* (passados, ou que vêm), *estes primeiros dias*.

Com referencia a tempo passado, usa-se muitas vezes, para avivar a imaginação, o demonstrativo anaphorico *este* em vez do demonstrativo commum *esse*, denotador de tempo remoto:

*Neste momento* aquellas vozes harmoniosas cessaram (Herculano).

A *esta hora* duvidosa entre a claridade e as trevas, uma numerosa cavalgada atravessou o ribeiro (Herculano).

Segundo a tradição litteraria portugueza, é de rigor o emprego de *nisto* (em vez de *nisso*), expressão tomada no sentido de «então», «em tal momento», com a qual se interrompe, durante uma narrativa, o curso das idéas afim de chamar a attenção para uma occurrencia nova:

Mas mouro emfim nas mãos das brutas gentes, que pois eu

fui... E *nisto*, de mimosa, o rosto banha em lagrimas ardentes (Camões).

Alevanta-se *nisto* o movimento dos marinheiros.

O vivo interesse que toma a 1.<sup>a</sup> pessoa pelas cousas alheias ou remotas pode-se revelar pela aproximação mental, a qual se traduz pelo pronome *este*:

Tens as mãos tão quentes! E *esta* [tua] testa, *esta* testa escalda (Garrett).

Já que *nesta* gostosa vaidade tanto enlevas a leve fantasia (Camões).

Partimo-nos assi do santo templo... Certifico-te, oh rei, que se contemplo como fui *destas* praias apartado, cheio dentro de duvidas e receio, que a penas nos meus olhos ponho o freio (Camões).

Com o pronome *esse* pode ás vezes a 1.<sup>a</sup> pessoa dar a entender que afasta mentalmente de si, ou tenta afastar cousas porventura proximas de que se desinteressa ou que lhe desagradam, bem como idéas e sentimentos afflictivos:

Olha *essa* terra toda, que se habita *dessa* gente sem lei, quasi infinita (Camões).

Que mal te fiz eu para que *esse* desejo, *essa* idéa [a do anniquilamento] seja o que unicamente resta ao precito? (Herculano).

Contrariando em parte as regras precedentes, existem na linguagem os seguintes casos de expressões consagradas:

1.º Diz-se *isto é* (e nunca *isso é*) como equivalente de «quer dizer» ou «significa», quando se vai esclarecer um pensamento, uma idéa.

2.º Como locução conclusiva usa-se commummente *por isso*, e ás vezes *por isto*. Negativamente diz-se *nem por isso*.

3.º *Isto de* (e não *isso de*) equivale a «o que diz respeito a», «no tocante a»: *isto de politicos*; *isto de metter scismas ás crianças*, etc.

## Pronomes indefinidos

*Cada* é pronome adjunto invariavel. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um.

Usa-se nas expressões *cada um*, *cada qual* e bem assim junto a substantivo no singular, junto a numeral colectivo e junto ás designações de agrupamento constituídas por um numeral seguido de substantivo no plural:

*Cada homem* no seu posto.

*Cada qual* terá sua recompensa.

Vendem-se as frutas a tostão *cada uma*.

*Cada terra* tem seu uso.

Perdeu dous tostões em *cada duzia* de ovos.

Uma garrafa de vinho para *cada cinco homens*.

*Qualquer*, com o plural *quaesquer*, refere-se a individuo ou individuos tomados indistintamente de entre outros da mesma especie. Precede o substantivo, mas se este se usar com algum dos indefinidos *um*, *uns*, *outro*, *outros*, pode tambem vir posposto:

*Qualquer casa* me serve.

*Quaesquer ondas* do mar, *quaesquer ouleiros* estranhos, assim mesmo como aos nossos, receberão de todo o illustre os ossos (Camões).

*Um dia qualquer* lá iremos.

Lerei este romance ou *outro livro qualquer*.

Em lugar de *qualquer pessoa que*, *qualquer coisa que*, pode-se dizer *quem quer que*, *o que quer que*:

*Quem quer que* isto faça.

*O que quer que* eu diga.

*Algum* antepõe-se ao nome em frase affirmativa e pospõe-se a elle em frase negativa, podendo então ser substituido pela palavra *nenhum*:

*Alguma pessoa* ha de estar na casa.

Não vejo *pessoa alguma* [ou *nenhuma*].

O dinheiro está em *alguma parte*.

Não apparece em *parte alguma* [ou *nenhuma*].

*Nenhum* vem de ordinario antes do nome; collocado depois, torna mais expressiva a negação:

*Nenhuma coisa* ou *coisa nenhuma*.

*Nenhum paiz* ou *paiz nenhum*.

*Certo* (ou emphaticamente *um certo*) é pronome adjunto indefinido quando precede ao substantivo. Collocado depois do nome, tem valor de adjectivo com a significação de « exacto », « acertado », « ajustado », « não-duvidoso », « verdadeiro », etc.:

Trabalham *certas horas* [differente de: ter *horas certas* de trabalho].

*Certos amigos* [differente de *amigos certos*] não compareceram.

*Certo dia* os exploradores encontraram uma tribu de indios bravos.

*Todo* toma o genero e numero do nome a que serve de adjunto. Tem varias applicações.

Designando o conjunto ou inteireza, usa-se no singular anteposto ou posposto a nome previamente determinado por outro pronome adjunto e, na falta deste, pelo artigo, salvo se o substantivo não comportar artigo:

*Todo este paiz* [ou *este paiz todo*] está em festas.

*Todo o polo* [ou *o polo todo*] está coberto de gelo.

*O Brasil todo* [ou *todo o Brasil*] gosa de clima ameno.

*Portugal todo* [ou *todo Portugal*] se gloria de haver produzido o immortal cantor dos «Lusiadas».

Segundo esta regra, diz-se com o artigo *todo o mundo*, quer no sentido proprio, quer no sentido translato, applicada a expressão á collectividade humana, com a differença porém que no segundo caso não é possível a posição de *todo*:

A santa providencia governa *o mundo todo*.

Em *todo o mundo* não se encontra um homem sem defeitos.

Aos primeiros tiros *todo o mundo* poz-se a correr.

Com os fracos *todo o mundo* quer ser forle.

A novidade anda na boca de *todo o mundo*.

Segundo a mesma regra, pode-se dizer *todo um dia* a par de *um dia todo*, *toda uma republica* a par de *uma republica toda*. Alguns puristas repudiam a primeira forma por haver cousa semelhante em francez. É preciosismo injustificavel. Autorisam a linguagem os escriptores classicos :

Esperarão *todo um dia* (Castanheda).

Com *toda uma coxa* fora (Camões).

Vem a queimar *toda uma casa* (Heitor Pinto).

Ver a Deus por *toda uma eternidade* (Bernardes).

A titulo de reforço se junta *todo* ás expressões *o resto*, *o restante*, *o mais*, *o outro*, que denotam a parte complementar, considerada em conjunto, de pessoas ou cousas mencionadas anteriormente. Se *o mais* vier desacompanhado de substantivo e equivaler a « as mais cousas », usamos *tudo* em lugar de *todo*:

*Toda a mais* povoação era cuberta (Barros).

Animaes que elles têm em mais estima que *todo o outro* das manadas (Camões).

Logo *todo o restante* se partiu de Lusitania (Camões).

*Tudo o mais* contrastava com ellas (Herculano).

As palavras de tua lingua e *tudo o mais* que tu sabes (Vieira).

*Tudo* diz-se de cousas consideradas na totalidade ou em conjunto. Usa-se com as expressões *isto*, *isso*, *aquillo*, *o que* (significando « aquillo que »), *quanto*, *o mais* (equivalente a « as mais cousas »), e alem disso, como pronome absoluto desacompanhado de qualquer explicação :

Põe *tudo isso* sobre a mesa.

*Tudo isto* que aqui vês está a tua disposição.

Nem *tudo quanto* se diz é verdade.

Aquelle homem sabe *tudo*.

Elle consegue *tudo o que* quer.

*Tudo o que* nasce na terra, o sol e a chuva o cria (Vieira).

Cesse *tudo o que* a musa antiga canta (Camões).

*Tudo* se fez para lhe agradar.

A tua extrema bondade foi causa de *tudo aquillo*.

OBSERVAÇÃO. — Em tempo de Vieira e Bernardes, e em epoca mais antiga, podia-se juntar *tudo* em vez de *todo* a um adjectivo

substantivado. Esta linguagem cahiu em desuso. Hoje dizemos *todo o necessario*, *todo o superfluo*, e não *tudo o necessario*, *tudo o superfluo*.

O plural *todos*, *todas* denota a totalidade numerica. O respectivo substantivo usa-se com artigo definido, caso não tenha outra palavra determinante que exclua o artigo:

*Todos os eleitores* se abstiveram de votar.

*Os homens* são *todos* assim.

*Todas estas* rosas murcharam.

Definindo-se a totalidade numerica por meio de um numero cardinal, a anteposição reforçativa de *todos*, *todas* requer a supressão do artigo quando subentendido esteja o substantivo. Achando-se o substantivo expresso, o artigo não se omite:

Eu tinha tres filhos. *Todos tres* morreram.

*Todos os quatro meninos* são estudiosos.

São pobres *todas as cinco crianças*.

Deram a escolher cinco livros. Fiquei com *todos cinco*.

Nomeando-se o individuo pela especie inteira, o singular pelo plural, persiste o emprego do artigo, e é logico que continue a usar-se o artigo quando se diga *todo o eleitor* por *todos os eleitores*, *toda a offensa* por *todas as offensas*. Mas designando-se o individuo pela especie, confunde-se o conceito do numero singular com o de qualquer individuo. *Todo* parece então synonymo de *qualquer*, que exclue o emprego do artigo e d'ahi a linguagem *todo eleitor*, *toda offensa*.

O portuguez antigo recorria frequentemente a este segundo processo; mas os escriptores modernos, principalmente dos seiscentistas para cá, revelam a tendencia de manter o artigo:

*Todo o homem* neste mundo deseja melhorar de lugar (Vieira).  
*Todo o lugar* mais alto que outros está sempre ameaçando ruina (Vieira).

*Todo o ministro* enquanto não cae é grande (Herculano).

*Todo o Regras* tem um Bugalho (Herculano).



As locuções adverbias *em toda a parte*, *por toda a parte*, *de toda a parte*, *a toda a parte* occorrem nos Lusíadas ora com artigo, ora sem elles; mas nos classicos posteriores, Vieira, Bernardes, Herculano, etc., apparece invariavelmente o emprego do artigo:

Carregavam *de toda a parte* sobre o coração de Paulo (Vieira).  
Christo presente *em toda a parte* (Vieira).

O ceu cerrado *por toda a parte* (Bernardes).

*Por toda a parte* se verteu sangue (Herculano).

*Em toda a parte* deixara agentes (Herculano).

Não pode privar-se do artigo o adjectivo substantivado quando se lhe antepõe a palavra *todo*, embora este vocabulo tenha o valor de «qualquer»:

*Todo o pobre* receberá esmola.

*Todo o cativo* que levava punha comsigo á mesa (Fr. L. de Sousa).

*Todo o preguiçoso* gosta de levantar-se tarde.

Nas locuções *a toda a brida*, *a toda a pressa*, *à todo o galope* e outras de valor superlativo, conserva-se o artigo:

Acudiu *a toda a pressa* Arão com um turibulo (Vieira).

Fugiu um bom pedaço pela campanha *a todo o galope* (Herculano).

Corredores transfetanos, que *a toda a brida* se acercavam delle (Herculano).

## COLLOCAÇÃO

**Collocação** ou **ordem** é a maneira de dispôr os termos da oração e os grupos de palavras que formam esses termos.

A collocação habitual não se explica satisfatoriamente pela sequencia logica das idéas, porque, sendo esta a mesma por toda a parte, varia entretanto a collocação de um idioma para outro.

Parece antes vir fundada na intonação oracional propria de uma lingua ou de um grupo de linguas. O portuguez pertence ao numero daquellas que se caracterizam pelo rythmo ascendente, em que se enuncia primeiro o termo menos importante e depois, com accentuação mais forte, a informação nova e de relevancia para o ouvinte.

Segundo este principio, construímos de ordinario a proposição declarativa começando pelo sujeito, expondo em seguida a acção que se passa com o sujeito, isto é, o verbo, e ajuntando em terceiro lugar o termo ou termos que completam o sentido verbal.

A esta collocação de sujeito, verbo e complemento, ou sujeito, verbo e predicado, dá-se o nome de ordem *directa*, *usual* ou *habitual*. Alterando-se a disposição dos termos, diz-se que a oração está na ordem *inversa* ou *occasional*.

Na construcção dos grupos de palavras requer o rythmo ascendente que os vocabulos de accentuação fraca e menos significativos venham antes dos mais significativos. Assim, observam-se as seguintes regras principaes:

1.<sup>a</sup> Antepõem-se aos substantivos os artigos definido e indefinido, as preposições e em geral os determinativos pronominaes, quantitativos e indefinidos:

*Este* homem | perdeu | *a* vista | *em* um combate.

*Nosso* visinho | possui | *muitos* predios.

*Cada* criança | trazia | *duas* cestinhas | *com* flores.

2.<sup>a</sup> Os determinativos possessivos e os numeræes ordinaes (ou cardinaes com função ordinal) pospõem-se ao substantivo quando para elles se quer chamar a attenção. A posposição dos numeræes fixou-se para a designação das datas, das paginas, da successão dos monarchas e papas :

Filho *meu* | não seguirá tal carreira.  
 Não farão revolta com dinheiro *nosso*.  
 Pagina *25*.  
 Dia *quinze*.  
 Luiz *XIV*.  
 Carlos *I*.  
 Pio *XI*.

3.<sup>a</sup> Pospõe-se ao nome a palavra *nenhum* ou *algum* (com sentido de *nenhum*) quando se quer accentuar bem a idéa negativa. Confrontem-se :

Em *caso nenhum* } deixarei meu posto.  
 Em *caso algum* }  
 Em *nenhum caso* deixarei meu posto.

4.<sup>a</sup> A negativa *não*, vocabulo quasi atono, precede sempre o verbo :

*Não partirás* tão cedo.  
*Não deixes* passar o dia.

5.<sup>a</sup> Pospõe-se de ordinario ao verbo auxiliar o verbo principal como termo mais significativo e de intonação mais forte :

*Tenho visto* muita miseria.  
 O soldado *ficou ferido*.  
*Deves dizer* a verdade.

6.<sup>a</sup> Os adjectivos qualificativos collocam-se em portuguez ora antes, ora depois do substantivo a que pertencem, cabendo, em linguagem descriptiva usual, geralmente o segundo lugar ao vocabulo que pela sua novidade ou maior importancia se accentua com mais força.

Assim, por exemplo, ninguem diz *servir-se de assucar doce*, que seria pleonasma, e entretanto não ha inconve-

niente em dizer *servir-se do doce assucar*, construcção esta em que o adjectivo decorativo vem apenas recordar ao ouvinte a qualidade essencial do assucar.

Usa-se o adjectivo posposto ao substantivo ou como informação nova para o ouvinte, ou como delimitação do sentido vago do substantivo:

Vestia *calça branca e borzequins amarellos*.

Trazia uma argola no *braço esquerdo*.

Tinha os *cabellos compridos*.

Os habitantes daquela terra eram de *cor preta*.

Depois da moda das *saias compridas* veio a moda das *saias curtas*.

7.<sup>a</sup> De certos adjectivos que se empregam com dous sentidos, o proprio e o translato, põe-se em evidencia a accepção propria collocando o qualificativo depois. Em caso contrario, virá o qualificativo em primeiro lugar. Esta pratica se observa com os adjectivos *rico, pobre, grande* e alguns mais:

Moram na mesma casa dous *homens pobres* e dous *homens ricos*.

O *pobre ministro* foi insultado em plena camara.

Este homem é o *verdadeiro causador* da minha desgraça.

Tenho-te em conta de *homem verdadeiro*.

O capitão mór lhe mandou seus *grandes agradecimentos* (Gaspar Corrêa).

Trouxe-lhe vinte *pannos grandes*.

NOTA. — *Rico homem* na linguagem medieval significava «homem nobre», «fidalgo». Não tem applicação no falar moderno.

*Rico* anteposto a substantivo usa-se hoje como equivalente de «valioso», «precioso», e tambem (em Portugal) com a accepção de «querido», «estimado»:

Rica pedraria, ricas joias, meu rico amigo, etc.

8.<sup>a</sup> Costuma-se antepôr ao substantivo o qualificativo que serve de ornato ou que exprime qualidade inherente ao ser, mas a emphase pode ás vezes leval-o para o segundo lugar:

Repousa na *fria terra* ou na *terra fria*.

9.<sup>a</sup> Para alguns qualificativos requer o uso a collocação sempre em segundo lugar, embora tal não succeda com outros analogos e empregados nas mesmas condições. Assim dizemos *o céu azul* (e não *azul céu*), *a safira azul*, *o topazio amarello*, a par de *a verde esmeraldá*, *a branca neve*, etc.

10.<sup>a</sup> Qualificativos cuja maior ou menor intensidade se assignala com os adverbios *muito*, *pouco*, *mais*, *menos*, *bem*, *mal*, *tão*, *bastante*, *assaz*, enunciam-se apoz os ditos adverbios. *Bastante* precede geralmente ao adjectivo; se retoma o sentido do verbo *bastar*, e tem complemento, pode empregar-se em segundo lugar:

Terreno	{	pouco muito mais menos tão bem assaz	}	extenso
Carne	{	bem mal	}	assada

Ter *bastante felicidade*.

Receber *bastante dinheiro* ou *dinheiro bastante* para pagar as dividas.

## Collocação dos termos da oração

Quando se quer chamar a atenção especialmente para o sujeito da frase, desloca-se o mesmo para depois do verbo por adquirir assim intonação mais forte :

Se nenhum de vós quizer ir, irei *eu*.

Aqui quem perde, és *tu*.

Por essa fico *eu*.

Atraz do rei vinham *os fidalgos* da corte.

Nem sempre ha necessidade de fazer a inversão. Em muitos casos basta recorrer á expressão *é que*, a qual pelo contraste da accentuação fraca faz sobresahir o vocabulo anterior :

Tu *é que* podias explicar o caso.

Nós *é que* não podemos ficar aqui.

Eu *é que* não espero.

A inversão em que se começa a frase pelo complemento do verbo ou pelo predicado não se faz, como nos casos precedentes, em attenção ao ouvinte. Determina-a uma causa subjectiva. É a necessidade de externar desde logo o sentimento ou a idéa que mais nos preoccupa. O termo assim collocado no principio adquire accento emphatico :

*Cançado* estou eu das tuas queixas.

*Tolo* serias tu se o procurasses.

*Pão* para os filhos pedem estas mulheres.

*Desta agua* não beberei.

*Livros* não tenho melhores que os teus.

*Theatro tão grande* como este nunca vi em minha vida.

OBSERVAÇÃO. — A deslocação do sujeito para o fim, ou do objecto para o principio, não se entende com o pronome relativo, cujo lugar é sempre no principio, qualquer que seja a sua função.

Muitas vezes, dispomos as palavras de certa maneira de preferencia a outra ordem, unicamente para tornar a frase mais agradável ao ouvido. Tem, por exemplo, boa sonoridade a alternancia de monosyllabos de accentuação fraca com os de accentuação forte, ao passo que desagrade ao ouvido a collisão de dous monosyllabos igualmente tónicos.

Assim construiremos :

O *ar* me faz *bem*  
O *sol* talvez lhe faça *mal* } de preferencia a { Faz-me o *ar* bem  
Talvez lhe faça o *sol* *mal*

\* Verbo em primeiro lugar, tratando-se de linguagem expositiva, é construcção typica para os casos seguintes :

1.º Quando se combina o verbo com o pronome *se* para denotar que fica indeterminada a pessoa que pratica a acção :

*Luta-se* pela existencia.

*Ganha-se* o pão com difficuldade.

*Punem-se* os soldados rebeldes.

2.º Quando a oração tem sentido existencial, quer se empregue os verbos *ser* ou *existir*, quer o verbo *haver* :

*Era* uma vez um rei. (*Existiu* uma vez um rei.)

*Existem* naquella terra povos de costumes differentes.

*Ha* muitos predios elegantes na cidade.

OBSERVAÇÃO. — *Existir* e *haver* occorrem tambem pospostos, podendo-se dizer *povos existem*, *homens ha*, etc., mas esta construcção é justamente a occasional. Succede o mesmo com algumas frases de agente indeterminado.

3.º Em certas frases em que se determina tempo, distancia, peso, medida ou numero :

*São* duas horas e meia.

*Faltam* tres laranjas para completar a duzia.

*Era* dia claro quando me levantei.

*São* tres leguas a cavallo.

4.º Nas orações condicionaes empregadas sem conjunção :

*Visse-a Juno, talvez se abrandaria* (Castilho).

*Fosse* filho meu que tão cruelmente te houvesse offendido, obterias pleno desagravo (Herculano).

• É de uso mencionar-se o verbo em primeiro lugar naquellas proposições que têm por fim assignalar uma epoca em que se enquadram outros acontecimentos. A começarmos pelo sujeito, poderíamos enunciar pensamento diverso. Exemplos:

O Brasil foi descoberto em 1500. *Reinava* então em Portugal D. Manuel.

Quando fui eleito deputado, *era* presidente da Republica um paulista.

A batalha de Waterloo foi em 1815. *Commandava* as forças inglezas o duque de Wellington.

• Levadas em conta as construcções fundamentaes de que a linguagem natural e espontanea não costuma afastar-se, é certo que para a estructura oracional temos em portuguez bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que occorrem certas transposições completamente estranhas não só ao falar commum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escriptores abusaram da liberdade poetica, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quasi intelligivel:

Ama a vivenda dos contrarios ao fogo undosos rios (Castilho).

A do rei potente mimosa filha.

Dos sem conto que ha passado maléficos portentos (Castilho).

• O pronome relativo colloca-se no principio da oração, quer sirva de sujeito, quer de complemento:

Examinei a joia *que* elle comprou.

Aqui está a casa *em que* morei.

O homem *que* nos recebeu era surdo.

• Interrogações em que se faz uso de alguma das palavras interrogativas *quem, que* (ou *o que*), *quanto, como, porque, onde, quando, construem-se de ordinario* começando pela expressão interrogativa e enunciando depois o verbo seguido do sujeito, quando este não é pronome interrogativo:



*A quem* procura elle enganar?  
*Com quem* vives tu?  
*Quanto* custa o metro desta fazenda?  
*Porque* não deixas tu isso para mais tarde?  
*Como* soube elle de tal cousa?  
*Onde* acharemos nós a tranquillidade?  
*Quando* poderei eu encontrar-te?  
*O que* disseram elles a isso?

Pode-se, comtudo, fazer ás vezes a transposição, quer pondo o sujeito no começo da pergunta, quer collocando a expressão interrogativa no fim:

E tu *que* dizes a isto?  
 Receias *o que*?  
 Teu primo *porque* não appareceu?

\* Orações exclamativas têm construcção como a das orações interrogativas e admittem analoga transposição de termos:

Quantas lagrimas amargas não verteu ella por causa do filho!  
 Como é triste a vida neste ermo!  
 Aquelles areaes como são saudosos e contemplativos!

\* Certas expressões optativas (e tambem simplesmente exclamativas) têm construcção fixa, usando-se sempre com o verbo no começo; outras se dizem indifferentemente com o verbo em primeiro ou em segundo lugar:

*Viva* o soldado cumpridor do seu dever!  
*Morram* os traidores!  
*Benza-vos* Deus! Deus vos *ajude*!

\* Nas orações compostas em que a subordinada é substantiva ou adverbial, pode-se começar tanto pela principal como pela outra oração, excepto se forem empregadas certas expressões impessoaes como *é necessario*, *é preciso*, *importa*, *cumpre*, etc., as quaes se dizem em primeiro lugar.

\* Na linguagem optativa tambem precedem aos demais dizeres as expressões *prouvera a Deus*, *tomara*, *quem me dera* e outras semelhantes.

## Collocação dos pronomes atonos

As formas pronominaes atonas *me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as* collocam-se em portuguez normalmente apoz o verbo a que servem de complemento e a elle se encostam, sendo pronunciadas como se com o verbo constituíssem um vocabulo só. Chamam-se por isso pronomes **enclíticos**.

Certas causas de ordem phonetica podem entretanto determinar o deslocamento das referidas formas pronominaes para antes do verbo.

Tomando o verbo como termo aferidor, costuma-se então dizer que *me, te, se*, etc. passaram a pronomes **proclíticos**.

Este modo de considerar o facto não é rigoroso; porquanto na maioria dos casos o que succede é deixar o pronome de ser enclítico do verbo para ser enclítico de outra palavra precedente.

Com o verbo no futuro do presente ou do preterito não se usa o pronome atono como enclítico; a posposição aqui é substituída pela interposição, collocando-se *me, te, se*, etc. entre a parte verbal correspondente ao infinitivo e as terminações *-ei, -ás, -á, -ia, -ias, -ia*, etc. Neste caso, é costume considerar os ditos pronomes como **mesoclíticos**.

OBSERVAÇÃO. — Isto que hoje nos parece uma forma verbal talhada pelo meio para se encaixar na brecha o pronome complemento, tem explicação historica muito diversa. O pronome serviu a principio como enclítico do infinitivo, dizendo-se em seguida a esta combinação e como vocabulo independente o auxiliar *hei, has*, etc. *Amar-te-hei* procede de *amar-te, hei*; *mandar-me-has* de *mandar-me, has*, etc.

O deslocamento, isto é, a passagem de enclítico verbal a enclítico de vocabulo anterior, effectua-se, no falar lusitano, geralmente para valorisar o termo deslocante, cuja pronuncia é ou extremamente fraca (palavra atona) ou mais forte que a habitual (palavras interrogativas, exclamativas e emphaticas).

Termo deslocante e verbo constituem um todo phonetico. Pronunciam-se ligados.

Inversamente, não é deslocante a palavra que requer pausa, ainda que fraca, antes de se proferir o verbo acompanhado de regimen atono.

Esta ultima regra não se applica todavia aos casos em que entre um termo deslocante e o verbo se intercallam outros dizeres. Persiste então o deslocamento; porém o pronome atono, que na linguagem antiga podia ser arrastado para junto do primeiro termo, limita-se em portuguez moderno a ficar anteposto ao verbo.

**A pronuncia brasileira diversifica da lusitana; d'ahi resulta que a collocação pronominal em nosso falar espontaneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portuguezes.**

Quanto ao uso observado em escriptores lusitanos, formularemos algumas regras praticas, applicaveis em parte tambem ao idioma do Brasil. É preciso, porém, considerar separadamente a pratica com o infinitivo, com o gerundio, com as formas finitas e com as conjugações compostas e perifrasticas.

### Collocação do pronome complemento de infinitivo

O artigo, palavra atona cuja pronuncia nunca se valorisa, não pode deslocar o pronome atono de sua posição normal:

*O fazer-se a obra é que importa.*

Ainda que *o salvar-se* dependa da graça e boa vontade de Deus (Bernardes).

A mesma inefficacia persiste ainda quando o artigo venha precedido de preposição:

*Ao verem-no* partir começaram a chorar.

Deu-lhe um abraço *ao despedir-se*.

*Ao saudarem-no*.

*Ao aproximarem-se* as ferias.

Usando-se o infinitivo sem artigo e regido directamente de qualquer preposição, excepto *a* e *por*, pode

a particula deslocar o pronome. Este deslocamento é obrigatorio se o infinitivo tiver a forma flexionada, e facultativo se o infinitivo não tiver flexão:

*Para se sustentarem* tantos exercitos.

O direito *de me dizeres* isso.

Exactas diligencias *para descobri-l-o*.

*Para lhes causar* menos embaraço.

O regalo e allivio que tem o homem *em lavar-se* (Bernardes).

*Para defendel-o* contra seus inimigos.

*Sem as poder* descobrir.

*Até sepultal-a* por impossivel (Bernardes).

*Sem mover-se*, nem mostrar covardia (Bernardes).

*De lhe entregar* a metade de suas naus.

*Depois de cançar-se* muito.

*Depois de nos escreverem* muitas cartas.

Discorrendo com o entendimento *até mover-se* a vontade (Bernardes).

Sendo o infinitivo regido directamente da particula *por*, a linguagem hoje usada afasta-se da regra precedente quanto á collocação das formas pronominaes *o, a, os, as*, conservando-as sempre pospostas ao infinitivo, quer este seja pessoal, quer impessoal:

*Por vel-as* desamparadas.

*Por andarem-no* provocando.

*Por merecerem-no* muito.

OBSERVAÇÃO. — Do deslocamento, neste caso, resultaria contralir-se a preposição com o pronome. Isto se podia fazer na linguagem antiga; mas as formas *pelas ver* (ou *polas ver*) *desamparadas, pelo andarem provocando, pelo merecerem* cahiram em completo desuso.

Outras formas pronominaes juntam-se entretanto a *por* sem o menor inconveniente: *por te dizer* ou *por dizer-te*, *por lhes agradecerem, por se desfazerem*, etc.

A particula *a*, regendo o infinitivo e precedendo-o immediatamente, não desloca, no falar hodierno, nem os pronomes *o, a, os, as*, nem os demais pronomes atonos:

*A amal-a* [e não: *a a amar*].

*A possui-o* [e não: *a o possuir*].

*A fazer-se* tal negocio.

*A mostrarem-nos*.